

Flora na Obra de Sosígenes Costa

Flávio França



Resumo

Ao analisar a obra poética de Sosígenes Costa (S.C.), escritor baiano, que viveu na região cacauera, nos meados do século XX, observou-se a riqueza de alegorias a nomes de plantas. O objetivo deste trabalho foi listar as plantas citadas, com base na leitura da “Poesia Completa”. Foram registradas 802 nomes de plantas, tendo sido identificadas 217 espécies, sendo que 20 representam 53% das citações. São elas: Rosa com 104 citações (c. 13%); Cacau 55 (c. 7%); Coqueiro 32 (c. 4%); Lírio 31 (c. 4%); Cana Brava 28 (c. 3,5%); Mirra 28 (c. 3,5%); Cana 14 (c. 1,8%); Vinha 14 (c. 1,8%); Açucena, Canela e Lótus com 13 citações (c. 1,6%), Alecrim 12 (1,5%); Cravo 10 (c. 1,3%); Bananeira 9 (c. 1,1%); Baunilha, Cajueiro, Lótus rubro, Nardo, Palmeira e Sempre-viva com 8 (1,0%). Registrou-se que 126 espécies são estrangeiras (c. 64%). A espécie mais citada foi “Rosa”, sendo que 63% das citações referem-se à Mulher e ao Amor. A segunda planta foi “Cacau”, sendo que 71% das citações o relacionam à riqueza econômica. A obra de S.C. é rica em registros de nomes de planta. Corrobora-se a existência de um paradoxo entre a produção literária do século XX e os ditames das correntes estéticas contemporâneas a eles. Ao se estudar as plantas na obra poética de S.C., compreende-se a influência de aspectos econômicos na formação cultural.

Palavras-chave: Flora Poética, Ecocrítica, literatura brasileira, Poesia Baiana, Academia dos Rebeldes.

1. Introdução

A poesia é desenvolvida sobre o conhecimento acumulado do poeta. Uma parte desse conhecimento é uma flora ensinada pelos pais, na escola e no convívio social. O poema é um repositório onde a poesia colhida na flora da mente é depositada.

O poeta é um coletor. Ele colhe esse conhecimento em sua mente como um naturalista colhe as amostras encontradas no meio-ambiente. Assim como o naturalista

lê a natureza através de seus componentes, o poeta também colhe esse conhecimento e faz uma leitura dele para a produção do poema. Afinal, ler é colher (MASSING, 1989).

A associação dos nomes de plantas a outros significados tem um potencial artístico exponencial. Utilizando-se os nomes das plantas pode-se representar sentimentos, nacionalidades, mitos etc.

Ao listar as espécies citadas no texto poético, contribui-se para a compreensão da obra literária, lançando luz sobre a obra dos autores e avaliando a coerência destes com as correntes literárias às quais os autores são geralmente ligados.

Considerações sobre as espécies de plantas encontradas nas obras poéticas não são frequentes. Damasceno (1983), relaciona diversos nomes de plantas na obra poética de Cecília Meireles entre o conjunto de seres que chamam a atenção dos sentidos e que compõem a realidade física apreendida pela poetisa. A flora contida na obra de Gustavo Teixeira foi estudada, mostrando detalhes sobre o estilo do poeta (FRANÇA, 2014).

Sosígenes Costa (1901-1968) foi um escritor baiano, integrante da “Academia dos Rebeldes” liderada por Jorge Amado. Ele foi professor até 1926, contribuiu com o jornal “Diário da Tarde” até 1929, com artigos intitulados “Diário de Sósmacos, Príncipe Azul”. Até 1954, o poeta trabalhou na Associação Comercial. Aposentando-se mudou para o Rio de Janeiro onde faleceu em 1968. Em vida publicou apenas “Obra Poética” em 1959. Postumamente teve o poema “Iararana” publicado em 1979 e a poesia completa publicada em 2001 (SOARES, 2005).

O objetivo deste trabalho é listar as plantas citadas na obra poética de Sosígenes Costa relacionando-as com aspectos estilísticos do autor e da corrente ao qual ele é associado.

2. Material e Métodos

O levantamento das plantas citadas na obra de Sosígenes Costa foi baseado na leitura de “Poesia Completa” (Costa, 2001).

Ao se perceber a citação de uma espécie vegetal, as seguintes informações foram organizadas em planilha eletrônica: Nome da planta, verso em que foi citado, o significado interpretado pelo leitor, página da citação e o ano da publicação do poema.

A identificação das plantas foi feita utilizando-se manuais de botânica (e.g. SOUZA e LORENZI, 2012) e dicionários (HOUAISS, 2009; FERREIRA, 2004). Foi utilizada também a rede mundial de computadores.

3. Resultado e Discussão

Foram registradas 802 citações de nomes de plantas. Comparado ao levantamento realizado na obra de Gustavo Teixeira (França, 2014), que não alcançou 370 citações, o uso de nomes de plantas na obra de Sosígenes Costa é realmente extraordinário.

Foram identificadas 217 espécies diferentes, sendo que 20 espécies representam 53% das citações. São elas: Rosa com 104 citações (c. 13%); Cacao 55 (c. 7%); Coqueiro 32 (c. 4%); Lírio 31 (c. 4%); Cana-brava 28 (c. 3,5%); Mirra 28 (c. 3,5%); Cana 14 (c. 1,8%); Vinha 14 (c. 1,8%); Açucena, Canela e Lótus todos com 13 citações (c. 1,6%), Alecrim 12 (1,5%); Cravo 10 (c. 1,3%); Bananeira 9 (c. 1,1%); Baunilha, Cajueiro, Lótus rubro, Nardo, Palmeira e Sempre-viva, todas com 8 (1,0%).

Sosígenes Costa pertenceu à “Academia dos Rebeldes”, cujos integrantes se posicionavam como contestadores, entre outras coisas, de uma cultura muito centrada em Portugal e na Europa de forma geral. Esta corrente literária queria resgatar a tradição popular da Bahia, que era “desqualificada e marginalizada pela elite branca” (SOARES, 2005). Com isso em mente, ao se procurar as plantas citadas na obra do autor

de “Iararana”, espera-se encontrar um grande número de plantas nativas do Brasil utilizadas na sua obra poética. Contudo, a maior parte das plantas citadas pelo autor é formada por exóticas ao Brasil. Em termos quantitativos, 126 espécies identificadas são estrangeiras, c. 64% do total. Este dado revela um descompasso entre o anseio de mostrar a cultura nacional e a forte influência causada pelo colonizador europeu, a ponto de não se dar conta da utilização dessa flora exótica para ressaltar a cultura local. Claro que não se pode deixar de considerar a profunda ignorância que a intelectualidade nacional tem da flora brasileira, ainda mais na época em que Sosígenes Costa viveu, em que o conhecimento da flora nacional era muito mais restrito.

A espécie vegetal mais citada na obra de Sosígenes Costa foi “Rosa”. Este nome é ligado a um gênero da família das Rosáceas (SOUZA e LORENZI, 2012) que tem o mesmo nome científico: *Rosa*. É muito difícil identificar a qual ou quais espécies que o autor se refere, pois os exemplares de *Rosa* comerciais são originados de híbridos desenvolvidos há muitos anos. Sabe-se que o gênero tem pelo menos oito espécies utilizadas na horticultura e que ele foi introduzido no Brasil entre 1560 e 1570 (BARBIERI e STUMPF, 2005).

O potencial literário das Rosas é aumentado devido à associação que é feita entre as várias cores que as pétalas desta planta assumem e os sentimentos humanos. SCOBLE e FIELD (1998), por exemplo, associam as rosas amarelas à posse da pessoa amada, as vermelhas à paixão e ao amor, e as rosas brancas são associadas à pureza e ao silêncio. A obra de Sosígenes Costa, principalmente na sua fase mais inicial, há uma grande atenção às cores com a produção de lindos poemas pictóricos em que as cores mais aberrantes são extensamente utilizadas. Mas o foco do poeta não está nas cores das Rosas e sim no significado mítico. Foram interpretados pelo menos 19 grupos de significados ligados às Rosas, sendo que 63% das citações referem-se à Mulher e ao Amor.

A mulher ligada às Rosas é a Santa pertencente à Realeza, como nos versos abaixo:

[...]
A rosa de ouro é a rosa benta pelo papa,
levada em procissão com toda pompa pelo papa
na domingo da rosa,
depois da oitava da Ascensão.
A princesa redentora
por sancionar a lei de ouro
perdeu o trono
e ganhou a rosa de ouro
[...] (COSTA, 2001, p.204)

Também é a mulher Jovem:

[...]
A roseira da alvorada
vai descendo até o povo
vai descendo até o povo
a chuva da estrela d'alva
[...] (COSTA, 2001, p. 143)

A mulher mãe:

[...]
Minha gente, até o papa
vem de Roma saravá
o filho de Janaína
que é o ai-jesus lá da Guiné
O senhor Conde dos Arcos
neste dia é bom de dá
o botão da rosa-Amélia
com uma penca de Araçá
[...] (COSTA, 2001, p. 325)

E a mulher prostituta:

Estão as prostitutas no poente
olhando as rosas e adorando as aves
Oh! Como são doridas e suaves
as suas almas onde há chama ardente
[...] (COSTA, 2001, p. 45)

A segunda planta mais citada é o "Cacau", nome comum indelevelmente ligado à espécie *Theobroma cacao* L. , pertencente à família das Malváceas (SOUZA e LORENZI,

2012). Esta planta é nativa das Américas, sendo seu consumo conhecido em épocas pré-colombianas, sendo o chocolate seu produto mais conhecido. Ela foi introduzida no Brasil no século XVIII (BATISTA, 2008).

Sosígenes Costa desenvolveu-se no ambiente da microrregião cacaeira do sul da Bahia, num período (entre 1930 e 1940) que a produção das amêndoas de Cacau girava em torno de 100 a 200 toneladas. Esta produção estava na época em franco progresso e atingiria seu ápice em 1989 (produção de 400 a 500 toneladas), quando houve o advento da “vassoura de bruxa” uma doença fúngica que levou a produção cacaeira ao nível que era em 1930. Esta época compreendida entre 1920 e 1985 constitui-se um ciclo econômico gerador de uma aristocracia regional e de uma cultura bastante distinta (ASMAR, 1983). A obra de Sosígenes deve então ser compreendida nesse clima de desenvolvimento econômico positivo, explicando o tom quase ufanista encontrado no longo poema “Iararana” .

“Iararana” é a poetização da cultura cacaeira, produzindo uma mitificação do surgimento do Cacau no vale do Jequitinhonha. Para Santana (2008) é a representação da identidade sócio-cultural do Sul da Bahia, funcionando como um mito fundador. E tudo isso se faz entorno de uma única espécie de planta.

Foi possível interpretar na poesia de Sosígenes Costa pelo menos 8 significados para o cacau, sendo que 71% das citações relacionam Cacau a riqueza econômica e conseqüentemente ao poder: “e o cacau era agora um deus na terra”(COSTA, 2001, p. 496) ou “e carregando o cacau da coroa” (idem, p. 505).

4. Considerações finais

A Obra de Sosígenes Costa é muito rica em registros de nomes de planta, fixando na sua obra nomes regionais de plantas e conseguindo resultados estéticos de grande beleza.

Como outros autores brasileiros, que mesmo desejando manter-se às coisas nacionais em suas obras literárias, não conseguem se livrar da influencia europeia ao relacionar suas temáticas a plantas exóticas, corroborando a existência de um verdadeiro paradoxo entre a produção literária do século XX e os ditames das correntes estéticas contemporâneas a eles.

Ao se estudar as plantas citadas na obra poética de Sosígenes Costa, compreende-se a influencia de aspectos econômicos na formação cultural de uma população e posiciona melhor o poeta na história da literatura brasileira.

Referências

- ASMAR, Selem. Economia da microrregião cacaueteira. Itabuna: AMURC, 1983.
- BARBIERI, Rosa. e STUMPF, Elisabeth. Origem, evolução e história das Rosas cultivadas. Revista Brasileira de Agrociência, v. 11, n. 3, p. 267-271, 2005.
- BATISTA, Ana Paula. Chocolate sua história e principais características. Monografia de Especialização. Brasília: Universidade de Brasília, 48p., 2008.
- COSTA, Sosígenes. Poesia Completa. Salvador: Secretaria de Cultura e turismo, 2001.
- DAMASCENO, Darcy. Poesia do sensível e do imaginário. In C. Meireles, Obra Poética, p. 13-36. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 1983.
- FERREIRA, Aurélio. Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.
- FRANÇA, F. . Flora da obra poética de Gustavo Teixeira. European Review of Artistic Studies, v. 5, p. 50-62, 2014.
- HOUAISS, Antônio. Houaiss Eletrônico. São Paulo: Editora Objetiva, 2009.

MASSING, Egon. História e estória da palavra - Ler. In: HECKLER, Evaldo; BACK, Sebald; MASSING, Egon. História e Estória das palavras. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 1989. v. 3, p. 7-45.

SANTANA, Gisane. Mito Fundador, Narrativas E História: A Representação Identitária Sulbaiana Em Iararana. Anais do I Encontro Baiano de Estudos em Cultura, 2008. disponível em <www.uesc.br/icer/artigos/ebecult.pdf>, acesso em 6 ago 2015.

SOARES, Angelo. Academia dos Rebeldes: modernismo à moda baiana. 2005. 57p. Dissertação (Mestrado em Literatura). Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2005.

